



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO AFRICANO
“ESMOLA DE MERCA” DE ORLANDA AMARILIS**

GEIZA RAFAELI GOMES FELIX

CAMPINA GRANDE – PB

2012

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO AFRICANO
“ESMOLA DE MERCA” DE ORLANDA AMARILIS**

GEIZARAFaeli GOMES FELIX

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F316r

Felix, Geiza Rafaeli Gomes.

A representação do feminino no conto africano
/”esmolas de merca/” de Orlanda Amarílis.

26 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
com Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Educação - CEDUC, 2012.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Francisca Zuleide Duarte de
Souza, Departamento de Letras e Artes”.



Word Reader

\$19.95

(Word Reader - Unregistered) www.word-reader.com

1. Representação do feminino. 2. Orlanda Amarílis. 3.
Literatura africana. 4. Literatura feminina. I. Título.

21. ed. CDD 896

GEIZARAFaeli GOMES FELIX

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO AFRICANO “ESMOLA DE MERCA” DE ORLANDA AMARILIS

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Letras-habilitação Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de graduação.

Trabalho aprovado em: 28 de junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Francisca Zuleide Duarte de Souza
Prof.^a Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza – UEPB
(Orientadora)

Ariadne Costa da Mata
Prof.^a Dra. Ariadne Costa da Mata – UEPB
(Examinadora)

Rinaldo José de Andrade Brandão
Prof. Ms. Rinaldo José de Andrade Brandão – UEPB
(Examinador)

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, luz que ilumina meus dias, por todas as conquistas que Ele presenteou em minha vida, pelas maravilhosas pessoas que inseriu em meus caminhos, que possibilitaram a formação em PESSOA que hoje sou. Dedico ainda a grande base que é a minha família, em especial a minha mãe (LUCIENE) e a meu pai (JOSÉ), por terem me ajudado na conquista deste grande sonho. Dedico, ainda, a minhas AMIGAS de curso, pelos lindos momentos de alegrias e de força, pois amigos de verdade são joias raras, e ao meu namorado (VITAL) pela amizade incomparável

que sempre estava do meu lado, fazendo com que todos os meus momentos de angústia se tornassem momentos felizes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de todas as coisas! Por me proteger, iluminar meus caminhos com muita saúde, paz, paciência e coragem. A luz que ilumina meus dias e escuta com carinho todas as minhas aflições, concedendo-me sempre um novo amanhecer ao lado das pessoas que mais amo.

Agradeço a minha família, meus pais LUCIENE e JOSÉ, que constituem o alicerce de minha vida, alicerce esse que hoje foi responsável por mais esta conquista, me ensinando que nossa vida é como a transformação de uma borboleta, que se desenvolve pacientemente em um casulo até o dia em que se transforme na linda borboleta, instruindo-me que a quebra precoce deste casulo ocasionará em um nascimento prematuro da borboleta, ocasionando que esta se torne aleijada; agradeço a Deus todos os dias por vocês existirem e pelos ensinamentos que me passaram. E aos meus irmãos JOSÉ GERCONIO e JUNIOR MARCONE pelo companheirismo e amizade.

A Prof. Dra. ZULEIDE DUARTE que me apresentou o maravilhoso mundo da Literatura Africana e a escritora Orlanda Amarilis e ainda possibilitou a ideia geral deste trabalho, agradeço a todas as suas orientações tão pacientes, seus ensinamentos marcarão para sempre minha vida; e pela sua amizade.

Ao meu namorado VITAL, pelos momentos de companheirismo e paciência, sendo o ombro amigo de todas as horas, responsável pelos momentos felizes de minha vida que me fazem, hoje, compreender o que vem a ser o amor. Pessoa que aprendi a amar da maneira mais linda, que me escolheu e a quem escolhi.

E por último, mais não menos especiais aos meus grandes e verdadeiros amigos, na pessoa de PAULO por sempre acreditar em mim desde a etapa crucial do vestibular, sempre com muito respeito e abdicando de seus livros que foram tão especiais para iniciar meus primeiros passos. As minhas amigas da universidade FABIANA LIMA, SIMONE, JOSENILDA, IZABEL, GLEUMA, ANNA KELLY, JUCICLEIDE e EDUARDA, pessoas maravilhosas, verdadeiros presentes de Deus; agradeço pelos momentos de alegrias, força, companheirismo, brincadeiras e lágrimas, estes momentos se tornaram especiais por terem sido divididos com vocês; e a todos os companheiros acadêmicos.

A todos vocês o meu muito, muito, muito, muuuuuuutooooo obrigada!!!

RESUMO

Nas últimas décadas, os estudos voltados para a representação do feminino na literatura têm sofrido alterações. Durante muito tempo, as questões ligadas a estas representações estavam voltadas a contextos tradicionais, onde a figura feminina se representava de acordo com o modelo tradicional, comprometido com o estereótipo consagrado pela sociedade machista. Porém, nas últimas décadas essas representações sofreram grandes mudanças em razão das convulsões sociais ocorridas nos países africanos. Diante do exposto, apresentamos como objetivo desta pesquisa, discutir a representação de mulheres no Conto de Orlanda Amarilis, especificamente ao conto *Esmola de Merca* que integra a obra *Cais-do-Sodré té Salamansa*, centrando-se em seu núcleo de personagens femininas, que se mostram no tear do conto como representações de mulheres comuns, extraídas do ambiente liderado por homens, e que buscam suas maneiras de viver mesmo que por intermédio de ajudas (esmolas) vindas da América. Para tanto nos respaldamos nos estudos de Abdalla Júnior (1999), Candido (1970), Fonseca e Moreira (2007), Gomes (2008), Santilli (1985), dentre outros. Ressaltamos ainda que o nosso interesse por esta representação se justifica, basicamente, por assinalar para uma nova forma de representar a mulher na literatura, longe das formas tão costumeiramente utilizadas. Após a discussão da obra, concluímos que a forma com que a autora descreve o cotidiano das personagens mulheres consagra uma maneira de olhar para tais mulheres suas agruras cotidianas, com seus dramas, sofrimentos e também solidão que transformam a vida social marcada por enormes desigualdades sociais, quadro presente no contexto cotidiano caboverdiano. Espera-se contribuir para os estudos literários, haja vista que a pesquisa ora empreendida questiona os projetos de autoria feminina que se centram basicamente em questões de ordens patriarcais e falocêntricas e não priorizam a construção de personagens mulheres projetadas na ficção como espelhos de nosso universo cotidiano real.

Palavras-chave: Representação do Feminino. Orlanda Amarilis. Literatura africana. Literatura feminina.

ABSTRACT

In recent decades, studies have focused on the representation of women in literature have changed. For a long time, issues relating to these representations were focused on traditional contexts, where the female figure is represented according to the traditional model, committed to the stereotype laid down by the male-dominated society. However, in recent decades, these representations have undergone great changes due to the social upheavals that occurred in African countries. Given the above, we present the objective of this research, discuss the representation of women in Orlanda Amarilis Tale, specifically the tale of Alms Merca that integrates the work of the pier-te-Sodré Salamansa, focusing on its core female characters, which are shown on the loom as representations of the story of ordinary women, extracted from the environment led by men, and seeking their ways of living even through aid (alms) from America. To this end, we endorse in the studies of Junior Abdalla (1999), Candido (1970), Fonseca and Moreira (2007), Gomes (2008), Santilli (1985), among others. We also emphasize that our interest in this representation is justified primarily by pointing to a new way of representing women in literature, so far from the forms customarily used. After discussing the work, we conclude that the way the author describes the daily lives of women characters establishes a way of looking at these women their daily hardships, with its disappointments, sufferings and loneliness that transform social life marked by enormous social inequalities , picture this in everyday context Cape Verdean. Expected to contribute to literary studies, given that research now questions the projects undertaken female authorship that focus primarily on issues of patriarchal and phallogentric order and do not prioritize the construction of female characters in fiction designed as mirrors of our universe daily real.

Keywords: Representation of women. Orlanda Amarilis. African literature. Women's literature.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	09
UMA ESCRITA FEMININA.....	14
REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	15
O COTIDIANO DESCRITO NA OBRA DE ORLANDA AMARILIS.....	16
A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NO CONTO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS.....	28
ANEXO 01 – Conto “Esmola de Merca”	29

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No decorrer das últimas décadas, os estudos voltados para a representação do feminino na literatura têm sofrido alterações. Durante muito tempo, as questões ligadas a estas representações estavam voltadas a contextos tradicionais, onde a figura feminina se representava de acordo com o modelo tradicional, comprometido com o estereótipo consagrado pela sociedade machista.

Porém, nas últimas décadas essas representações sofreram grandes mudanças em razão das convulsões sociais ocorridas nos países africanos. Dentre as autoras que se destacam na produção literária, o caso da cabo-verdiana Orlanda Amarílis é exemplar.

As literaturas de língua portuguesa surgiram na África após um longo período de colonização. No ano de 1974, com a chamada Revolução dos Cravos, as colônias portuguesas da África se tornaram independentes, deixando Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe livres do domínio colonial e administração portuguesas.

A vida nos países se encontrava em momentos difíceis, em consequência da existência e ação da polícia política exercida pela PIDE, responsável por coibir de maneira violenta as ideias anticolonialistas. Pela ação da polícia política as prisões, superlotadas, excediam em muito o número de presos. Aí surgiu a famosa prisão do Tarrafal em Cabo Verde, unidade prisional das mais assustadoras. Dentre os ocupantes daquela prisão estavam incontáveis escritores como o angolano Luandino Vieira e o moçambicano Luís Bernardo Honwana. Muitos escritores buscaram o exílio, mas os que insistiam na luta, quase sempre iam parar nas unidades prisionais.

As tropas pró-independência reuniam líderes que militavam em prol da construção de uma nação e a permanência de sua cultura, calcada em elementos de tradição milenar. A escrita literária expressava as tensões geradas pelas violentas refregas contra as tropas coloniais e pela ação da guerrilha.

Com a independência de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, recrudesciu a consciência da necessidade de alfabetização da população analfabeta, problema ainda por ser totalmente sanado. Mesmo no calor da guerra civil havia esforços voltados à publicação de livros direcionados a escolarização das crianças, filhas do colonialismo, inocentes vítimas das guerras.

Em Angola, por exemplo, registra-se a idealização do movimento “Jardins de Leitura”, com grande incentivo à produção de textos direcionados às comunidades infantil e jovem. Foi que surgiu a primeira obra infantil angolana, intitulada de *A Caixa*, escrita por Manuel Rui. Seguiu-se as aventuras de Ngunga do também angolano Pepetela. Eram escritores/guerrilheiros ou guerrilheiros/escritores.

Na África, a literatura tem suas origens da tradição oral. A tradição griótica da contação de histórias, a transmissão do conhecimento pelo mais velho, representa a fonte onde se abeberaram intelectuais, criadores ou pesquisadores, em busca do conhecimento da cultura e da tradição africanas. A oralidade pode ser então vista como um veículo fundamental da transmissão do saber e regularidade dos comportamentos individuais e coletivos.

As tensões geradas pelo colonialismo não se manifestaram de maneira drástica em Cabo Verde, se comparado com outras regiões africanas que viveram árduo processo de colonização portuguesa, pontilhado de guerras e violências de várias espécies. O ouro, o diamante e o petróleo de Angola, por exemplo, exacerbava a cupidez dos colonizadores, o mesmo não ocorrendo em Cabo Verde que nada tinha para explorar. Segundo Almícar Cabral (1976, p. 25) “desde muito cedo a terra, bem como os centros de controle e administração, passaram para as mãos de uma burguesia nascida em Cabo Verde, formada majoritariamente, por mestiços”..

As características peculiares do arquipélago, que se constitui de dez ilhas e alguns ilhéus no Atlântico, situadas em uma zona assolada pelas fomes periódicas, secas e estiagens persistentes têm gerado, além da falta de meios econômicos que garantam uma condição de mínima de subsistência da população, ondas de migração muito frequentes. A falta de recurso e a natureza adversa respondem pela debandada de jovens em busca de melhores condições de vida. Esses migrantes jamais esquecem sua terra natal e alimentam, secretamente, o desejo do eterno retorno.

Cedo instalaram-se, em Cabo Verde, instituições culturais das ilhas, especificamente do Seminário-Liceu de São Nicolau e do Liceu Gil Eanes de São Vicente. Em meados de 1860, a Escola Central da Praia, situada na capital do país contemplava, no seu currículo escolar o ensino primário e secundário. Relevante foi, também o papel da imprensa, que

chegou ao arquipélago no ano de 1842, sendo responsável por fazer circular uma quantidade importante de jornais.

O seminário Liceu dá início ao seu percurso educacional em 1867. Nesta época o bispo de Cabo Verde, D. José, foi elevado de função, honraria a que fez jus pelos relevantes trabalhos à frente do seminário. No dia 13 de Janeiro de 1917, entretanto, em meio a um ambiente anticlerical da república, o seminário foi extinto, sendo substituído pelo Instituto Caboverdiano de Instrução, que por sua vez foi extinto no ano de 1931.

Destaca-se ainda a precária situação econômica das ilhas, como dito antes, até certo ponto marcada pela decadência do Porto Grande de São Vicente, fato recorrente das estiagens constantes que trazem por consequência a fome, miséria e a emigração. A princípio, o destino do migrante cabo-verdiano era a América do Norte. Depois, o eixo de interesse deslocou-se para a Europa. Interessante registrar que existem mais cabo-verdianos no exílio que em Cabo Verde.

Os escritores cabo-verdianos, preocupados com a preservação da identidade nacional e expressão de sua literatura, fundaram a revista *Claridade* (1936-1960) que se caracterizava por uma literatura constituída por traços de cultura haurida nas lições do colonizador, contrariando as perspectivas de auto-expressão dos autores ilhéus. De acordo com Benjamin Abdala Júnior (1999, p. 209) “seus olhos se fixavam no chão crioulo, próprio da mesclagem étnica e cultural de seu país.

A existência do *crioulo*, uma língua própria, distanciada das bases de poder, não sendo adotada por meios de comunicação, igrejas e escolas, e utilizada principalmente pelas periferias e classes sociais baixas, que se faz presente em todos os contextos comunicativos, é responsável por dar origem a uma literatura própria. Neste sentido pode-se falar da vivência de um sistema literário crioulo ou até mesmo em uma língua cabo-verdiana.

Mesmo sendo inserida em um contexto de muitas críticas, pode-se dizer que foi a partir da existência da revista *Claridade* que se observaram as grandes influências em parte das produções literárias de Cabo Verde, desencadeadoras de novas expressões artísticas que realizam reflexões em torno do real, colocando a problemática da identidade cabo-verdiana em um contexto mais amplo que diz respeito à africanidade.

Em torno desse contexto de identidade africana, Cabo Verde se destaca graças a sua condição geográfica, ou seja, o isolamento em que se encontra o arquipélago, local de clima inóspito, de população adaptável e sensível ao que vem de fora.

Este texto focaliza um conto de Orlanda Amarílis, cabo-verdiana que viveu no exílio e apresenta dia-a-dia de mulheres habitantes das ilhas. Os temas abordados por ela são universais e essencialmente humanos; as relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares, entre outras, estão presentes em suas obras.

Orlanda Amarílis nasceu em Assomada, em Cabo Verde, no ano de 1924. Realizou seus estudos primários na cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, e seus estudos secundários no Liceu Gil Eanes. Deu continuidade a estes em Goa, cidade de Panguim, capital do chamado Estado da Índia Portuguesa, onde viveu por mais ou menos seis anos. Anos depois, frequentou o curso de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras de Lisboa. E foi durante sua vivência nestas ex-colônias da África e Índia que se desenvolveu a formação da escritora, formação esta que de acordo com Fonseca e Moreira (2008), se completou nas intervenções públicas que marcaram a inscrição de seu nome entre os ficcionistas cabo-verdianos.

No conto *Esmola de Merca*, encontramos uma visão privilegiada da vida contemporânea, a partir de uma reflexão rica em detalhes. A obra de Orlanda Amarílis lança luzes em torno de algumas questões, como por exemplo, a necessidade de edificar através de sua literatura, um mundo renovado, moderno, construído sobre as culturas que se encontram no interior desse mundo.

A criação literária de Orlanda Amarílis é de suma importância, no que se diz respeito à construção de narrativas curtas que procuram explorar questões expressivas da cultura cabo-verdiana. É através do olhar atento da autora que encontramos as tensões geradas em torno da temática da emigração, que é vista como um tipo de prisão e ao mesmo tempo, como um caminho para a liberdade, além da descrição dos lugares por onde transitam as mulheres, em suas diferentes faixas etárias, confinadas em suas ilhas, e vistas através de cenas onde se apresentam solitárias. Todas essas mulheres são representadas como vítimas da carência que governa sua existência nas ilhas de Cabo Verde.

A problemática que move o trabalho ora apresentado centra-se na ideia de que, em se tratando de uma narrativa de autoria feminina, Orlanda Amarílis foge ao padrão que em tantos

momentos são utilizados por escritoras: relações homem/mulher; amores irrealizados, mulheres abandonadas etc. Seu foco são mulheres comuns, extraídas do ambiente liderado por homens, e que buscam suas maneiras de viver mesmo que por intermédio de ajudas (esmolas) vindas da América.

Discutimos essa representação assinalando a perícia da autora na poetização do cotidiano.

UMA ESCRITA FEMININA

As produtoras Africanas obtiveram condições de acesso à escrita, mais especificamente à escrita literária, muito tardiamente em qualquer país e em Cabo Verde não foi diferente.

Maria Rita Santos (2002, p. 58) afirma-nos que:

O caráter fechado da sociedade e de suas variantes, por muitas razões, quis determinar a autoria literária e ou a atividade intelectual em geral como uma ação peculiar ao seu sexo masculino. Assim, por longo tempo, foi da competência dos homens olhar, interpretar e orientar os sentimentos femininos como expressão da mais exata verdade.

Assim, a mulher e toda a complexidade que a constituía, sentida e vista através do olhar masculino, afigurava-se inapta para as reflexões de um mundo machista e dominador.

Através da palavra escrita, que de acordo com Moema Parente Augel (2002, p. 33) “se manifesta a luta interior da mulher que procura sua própria identidade, sua própria voz, seu rosto e seu corpo, fazendo ressaltar de modo indelével seu modo de estar-no-mundo, sua marca, sua dicção pessoal e ímpar”, as mulheres acederam paulatinamente ao mundo das letras, inscrevendo ali suas experiências e pontos de vista.

Seus textos buscam, dessa forma, um ampliar de horizontes que vislumbram em torno das expectativas de representar, através de sua escrita, suas verdades e anseios representativos

do seu cotidiano. Nas obras femininas atuais não cabem as perquirições idealizadas do romance cor de rosa ou das coleções menina e moça. O vigor da escrita dessas autoras africanas ultrapassa os limites de um mundo tido como feminino para tratar eficientemente temas como a guerra e destruição dos regimes políticos, por exemplo.

Santos (2002) defende ainda que “os recentes estudos que têm a mulher como tema mostram que sua posição nas sociedades varia conforme a cultura a que pertencem”. Os textos produzidos por mulheres africanas constituem então autênticos documentos da realidade dura enfrentada por elas, deixando nítidos o novo lugar que representam, sua cultura e sociedade, não se submetendo a parâmetros das culturas pós-coloniais que tentam, ainda, reinscrever suas culturas e crenças através das mentes colonizadas de muitos africanos.

Tais textos procuram tratar de problemas e tensões que envolvem as mulheres no mundo contemporâneo, retratando a vida doméstica de maneira diferenciada, voltando-se para as agruras cotidianas, com seus dramas, sofrimentos e também solidão que transformam a vida social marcada por enormes desigualdades sociais.

REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Falar em representação do feminino em uma obra literária seria situar o papel representado socialmente pela mulher em um dado processo histórico. De acordo com Candido (1970), a obra literária representa sinteticamente a estrutura de um dado processo histórico e social, de modo que sua análise deve basear-se sempre na articulação entre os aspectos formais da obra e sua reprodução social.

Portanto, na narrativa em questão, a representação do feminino atinge um outro estatuto, tendo em vista que problemas de ordem pessoal ou afetivo-sexual não são os pontos exclusivos a serem postos em cena, como acontecem em muitas das narrativas que estabelecem discussões em torno de estruturas sociais, culturais e psicológicas de mulheres em contato com o universo sociocultural dos homens, sujeita a regras que devem ser por elas obedecidas, e o casamento aparece como uma válvula de escape, um refúgio da autonomia, selado com a aprovação da sociedade.

Apesar de os discursos correntes nos terem levado a creditar em uma possível superioridade masculina, isso não significa que a mulher aceitou tal submissão passivamente. Muitas lutas foram travadas por mulheres na tentativa de reverter esse quadro de dominação. Portanto não incumbe a escritores, na sua maioria homens, representar as mulheres como seres não dotados de amor próprio, desprovidas de resistência e de força para lutar contra a submissão imposta pelos pais, maridos ou patrões.

A forma utilizada por Orlanda Amarilis de representar uma parcela das mulheres se apresenta como um tipo de invenção da representação nos tempos de hoje, ou seja, porque estamos diante uma escrita que foge dos estereótipos já moldados e conservados entre os que estudam a mulher e sua representação na literatura. O cotidiano de mulheres que vivem em situações precárias e trabalham para alimentar seus filhos (diante a ausência ou eventual presença de homens, pais, maridos ou parceiros) na literatura, faz com que repensamos as experiências das mulheres projetadas na ficção, sejam estas comparadas ou não ao nosso universo cotidiano real.

A linguagem de Orlanda é, de acordo com Santilli (1985, p. 111), “ainda a das mulheres a caminho de libertarem-se do código de manifestação que a sociedade masculina ao longo dos tempos lhe impôs”.

As mulheres cabo-verdianas descritas por Orlanda são ainda observadas por Santilli, como personagens que se encontram em dependência social, tendo em vista a posição subalterna a qual estão inseridas na sociedade.

O COTIDIANO FEMININO DESCRITO NA OBRA DE ORLANDA AMARÍLIS

Orlanda Amarilis está inserida em um reduzido grupo de escritores pertencentes a Cabo Verde. Porém, mesmo com a existência de poucas autoras, a escrita destas apresenta muitas especificidades e particularidades, com textos que revelam as experiências sociais das mulheres de Cabo Verde e seus dilemas, angústias, medos e conquistas.

As narrativas desta autora apresentam personagens que são obrigados a emigrar de cabo verde por questões geográficas da própria região, questões essas como a aridez da terra, clima seco e ventos que são responsáveis por acarretarem na miséria de seus habitantes, e por

consequência, a necessidade em se buscar o sustento em outras partes do mundo. Nesse viés a emigração ganha destaque como sendo um tema literário nas produções de Orlanda Amarilis e se caracteriza como uma das questões centrais de suas produções a fim de demonstrar a realidade da mulher e também dos homens cabo-verdianos:

O marido embarcou e nunca ninguém soube dele. A voz tornou-se-lhe melancólica. Ele fugiu desta nossa terra madраста num vapor grego. Era um vapor de carvão, um vapor de dois canudos, grande. Ainda não tinha passado o canal quando foram dar com ele escondido não sei onde. Assim que o encontraram, foram-no arrastando, arrastando. Havia mais dois moços. Tinham fugido com ele. (AMARILIS, 1991, p.52)

Simone Caputo Gomes, em seu texto intitulado de “Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina” (2008. p. 57), afirma que em Cabo Verde a emigração masculina impacta diretamente a fragilidade da família, com conseqüente instabilidade da mulher e dos filhos menores. Cerca de 60% da população crioula é feminina, sendo 33,5% constituída por famílias que são chefiadas por mulheres.

Em seus textos a referida autora ainda trata de questões que não se restringem apenas ao universo cabo-verdiano, como também na realidade a qual a mulher africana, de um modo amplo, esta inserida. Questões que acondicionam os problemas existentes em toda a África, em especial aqueles que estão ligados a realidade cotidiana de mulheres que vivenciam experiências e dramas que estão inseridos tanto em Cabo Verde quanto no mundo contemporâneo.

Queiroz (apud RODRIGUES, 2011, p. 41) nos afirma que:

[...] angústias e medos, assim como suas conquistas. A escritura de autoria feminina em Cabo verde busca representar o cotidiano de mulheres que reinventam a historicidade do dia-a-dia, enfatizando o mundo doméstico feminino, os avanços à emancipação das mulheres, bem como as violências sociais e discriminações sofridas, a iniciação sexual precoce muitas vezes, culminando em uma gravidez indesejada, a falta de planejamento familiar, a prostituição, enfim, a problemática social que insiste em se estabelecer em Cabo Verde”.

As escritoras cabo-verdianas procuram portanto, abordar as dificuldades e tensões as quais estão inseridas no mundo contemporâneo, voltam-se ainda para a vida doméstica, seus conflitos que enfatizam a violência, discriminação, solidão e até mesmo questões ligadas a prostituição, temas estes inseridos em um universo marcado por desigualdades sociais.

No conto intitulado “A esmola de merca” que pertence à coletânea Cais-do-Sodré Té Salamansa, as personagens femininas que se encontram em consideração são: Titina, Bia Sena, Julinha, Madrinha, Nhá Quinha, Nhá Luzia e Man Zabêl.

O conto tem seu desfecho inserido em dois espaços, sendo eles o quarto de Titina inserido no espaço da casa de sua Madrinha, e, a administração, local aonde as esmolas vindas da América eram entregues.

Faz-se necessário ainda ressaltar aqui, uma breve explicação em tono do porque do título do conto se designar “Esmola de Merca”. Para tanto, encontramos inseridas no próprio conto, encontramos duas referências que remetem ao significado do título deste. Uma destas referências está presente na fala da personagem Nha Luzia no momento em que está preparando-se para o momento em que viria a solicitar no pátio da administração quando “fosse receber a sua parte de esmola vinda da América” (AMARILIS,1991, p.50). Uma segunda referência que também remete a significação do título do conto, refere-se ao momento em que a personagem Dinha comunica a Titina sobre o pedido da ajuda de Julinha para a “distribuição de umas esmolas que mandaram de merca” (AMARILIS, 1991,p. 50).

O vocábulo “Merca” se representa então como uma forma de linguagem popular que se refere ao termo “América”, haja vista que uma das características que marcam o dialeto característico do povo cabo-verdiano encontram-se presente nas abreviações. É característica da autora trazer a seus textos o dialeto crioulo que vem a solidificar o universo o qual a autora pretende enfatizar.

Titina morava com a tia e a madrinha, e se encontravam em situação financeira em que as esmolas não lhes eram necessárias, tal condição dava margem para que Titina obtivesse consciência política crítica em torno das esmolas que vinham da América.

A voz enchera-se de quentura e Titina espiava-a divertida. Tanto se lhe dava a esmola dos patrícios da América como não.

Isto não vem remediar nada, pensou olhando para além da madrinha.[...] Nem chega a ser um remendo, pensou ainda. Os



patrícios de Lisboa também mandam roupas usadas, calçado, pão seco. Senhores, até mandam pão seco para a gente amolecer em água e enganar a fome. (AMARILIS,1991, p. 51)

Percebemos em Titina a imagem de uma garota atrevida e independente, que se opõe à situação a qual os pobres da ilha estão inseridos, defendendo os traços ligados diretamente à emancipação, uma vez que esta veio a publicar no jornal dos rapazes do liceu um artigo que dissertava sobre as questões da emancipação da mulher

De uma vez ela escrevera um artigo sobre a emancipação da mulher para o jornal dos rapazes do liceu. Topou-a na esquina da Administração e avisou-a de dedo no ar:

- Já lhe cortei o artigo. Não me venha pra aqui com espertezas. (AMARILIS, 1991, p.51)

Caracteriza-se na personagem a quebra da figura masculina que era tida como símbolo maior da sociedade, já que cabia aos homens decidir a forma de ser e de agir de todos a ele ligados, principalmente da mulher. O administrador procurava impor aos demais certa moralidade, e opressor pelo fato de impedir a publicação do artigo de Titina.

Notamos que, no momento em que as mulheres passam a entrar no universo, até então, masculino, causam receio ao homem, talvez porque, diante da eminente ascensão feminina, os homens, temendo que as mulheres penetrassem no universo até então masculino e deslocassem-nos da posição privilegiada de que desfrutavam, procuravam - como vemos no personagem do administrador – criar entraves que dificultavam o avanço feminino.

As mulheres que moravam junto com Titina aparentavam uma boa condição social financeira, sua madrinha não aceitava que existissem comparações destas com as demais pessoas da ilha que se beneficiavam das esmolas distribuídas na ilha visto que estas obtinham uma baixa a situação financeira.

Nhá Quinha nunca foi mulher de pedir de porta em porta. Ela foi dona da sua casa com tudo-em-quanto era preciso. Era criadas. Era roupas penduradas no guarda-fato, era coisas boas no guarda-comida, era tudo, tudo, admoestou-a a madrinha. O marido embarcou e nunca ninguém soube dele. (AMARILIS, 1991, p. 52)

Nhá Quinha no passado obtinha uma boa e confortável vida social, antes de o marido partir de maneira clandestina em um vapor grego. A vida confortável do passado, representava para a madrinha de Titina o direito em não ser comparada com as outras “mulheres-sós” da ilha.

De acordo com Maria Aparecida Santilli, no ensaio intitulado de “As Mulheres-sós de Orlanda Amarilis” (1985), estas “mulheres-sós” estão inseridas ao cotidiano das ilhas sendo as próprias autoras de seu dia-a-dia, trabalhando e sendo responsáveis pela situação financeira da casa e das pessoas que com elas convivem, haja vista a ausência ou eventual presença de homens.

Estas “mulheres-sós”, mesmo com a realização de seus trabalhos diários, ainda se encontram incluídas ao universo da miséria e pobreza o que as levam a necessidade de entrar em uma fila em busca de esmolas. Temos na personagem de Nhá Luzia este exemplo de mulher que vive de seu trabalho como comerciante e que ainda assim, no ponto de vista social é desgraçada na vida.

Nesse quintal pocilgoso nha Luzia fritava olho-largo e pastéis de alvacora em fogareiros feitos de latas de petróleo, despejava a água da lavagem das louças e amontoava a um canto o lixo que os fregueses faziam no botequim. Bem, esse lixo costumava ficar esquecido por muitos e muitos dias, ganhando camadas, chegando a encarrapatar-se no chão térreo, como acontecia às cascas de manga, pegajosas como grude. Inham sempre de chamar nha Tuda para as vir raspar com um arco de barril e as remover. [...] Sempre suja, passava os dias a chamar pelos filhos que lhe trocavam as voltas e em galhofa com os fregueses. (AMARÍLIS, p. 49 - 50)

São ainda estes, os traços de mulheres que, para sobreviver, precisam lutar, pois estas em sua maioria pertencem a uma classe social inferior, composta por indivíduos que estão a margem de tudo, e não encontravam alternativas senão buscar assegurar seu sustento.

Percebemos, a descrição de um espaço precário tomado pela falta de higiene que é também um dos pontos que fazem referência à miséria a qual a população encontra-se inserida, e suscetível a contrair doenças a exemplo da febre tifóide contraída por Titina,

doença esta que está associada diretamente a baixos níveis socioeconômicos, relacionando-se, principalmente, com precárias condições de saneamento e de higiene pessoal e ambiental.

A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NO CONTO

É de caráter da autora Orlanda Amarílis transpor para a literatura através de seus contos, momentos que se instituem como retratos reais do que vem a ser a miséria vivida pelo povo cabo-verdiano, como acontece em “Esmola de Merca”.

O enredo do conto se inicia com um relato, por intermédio de um narrador em terceira pessoa, em torno de Titina e o espaço de seu quarto. Ao acordar, esta é abordada pela madrinha que a informa sobre o pedido da amiga Julinha para que a ajude com a distribuição das esmolas que viriam a ser entregues no pátio da administração.

Compreendemos no conto em questão a visão de Titina, uma jovem que se representa como contrária a situação de opressão a qual estão submetidas as demais personagens, sendo estas em sua grande maioria mulheres idosas, doentes, destituídas de uma boa condição financeira e sós, que vivem a margem da sociedade, como percebemos na madrinha de Titina:

Um arrastar de sapato pô-la alerta. Soava baço e aproximava-se do quarto. Aguardou até ouvir a voz descansada da madrinha:
[...]
Entrou, aproximou-se sempre a arrastar os pés e descansou os cotovelos no rebordo da cabeceira da cama. [...] (AMARILIS, 1991, p. 50)

As características descritas tais como o ato de arrastar os sapatos e pés demonstram que fisicamente a madrinha esta velha, posto que já não consegue andar direito, a passos firmes. Essa característica também demonstra um fato que ocorre com a maioria das pessoas que se encontram nesta faixa etária, a solidariedade com relação às outras mulheres também envelhecidas, fracas fisicamente, e pobres, como no caso de nha Quinha:

Se puderes, arranja uma saia e mais qualquer coisa pã nha Quinha. Ela está muito precisada. Eles costumam mandar boas roupas de Merca. Tu podias arranjar uma coisinha boa para ela [...] (AMARILIS, 1991, p. 52)

Nha Quinha teve sua vida marcada pelo fato de que, no passado, tinha uma boa condição de vida, com acesso a tudo o que uma boa classe social poderia dispor, e no presente, a miséria estava instaurada em seu lar, visto que seu marido a teria abandonado sendo descoberto em sua fuga pelos tripulantes de um navio grego, e provavelmente assassinado, motivo que foi considerado como estopim para a miséria vivida por Nha Quinha, obrigada a viver da solidariedade das pessoas para sobreviver.

Os idosos com mais de 60 anos, que integram o arquipélago, se caracterizam como pessoas inativas, pertencentes a famílias pobres, sem segurança social, se constituindo dessa forma como vítimas de um contexto de exclusão social. Diante de tais características a ajuda vinda de outros países é um ato costumeiro, que dá margem para que tanto necessitados quanto gananciosos (políticos) tirem proveito diante a situação.

É traço marcante no conto, a presença de idosos em busca das esmolas vindas da América:

O povo fora-se juntando do lado de fora. Aguardava. Não fora preciso avisá-lo. Ainda o vapor não havia alcançado o Ilhéu Raso e já ele sabia: a esmola dos patrícios vinha pela baía a dentro. Na sua maioria eram mulheres velhas, andrajosas, de olhos encovados e cabelo engasgado pelo pó e falta de pente, escondido debaixo do lenço vincado de tanto uso. Parte delas viera arrimada ao seu pau de laranjeira, desde a Ribeira Bota, a arrastar os pés descalços e gretados até o meio da morada. Uma parte espalhara-se pelo passeio da Administração, outras sentadas no patim das portas laterais, outras aguardavam de cócoras nos passeios. Penderam o queixo sobre os joelhos unidos e abraçavam as próprias pernas, com a saia de pano esfiapado na bainha puxada de modo a cobrir os pés. (AMARILIS, 1991, p. 53-54)

As esmolas, portanto, eram situações rotineiras nas ilhas, visto que em decorrência da seca prolongada que atinge o país muitos de seus habitantes optavam pela emigração, e os

donativos/esmolas doados pelos patrícios que vivem no exterior, compõem um importante suporte econômico para as famílias da ilha.

As figuras femininas quem compõem o fragmento a cima são caracterizadas como “velhas”, “andrajosas”, “de olhos encovados”, “cabelo engasgado”, “arrimadas ao seu pau de laranjeira”, arrastando “os pés descalços”, tais traços revelam a idade avançada destas, inseridas em situação de descaso, oprimidas pela miséria, tornando-as seres vulneráveis de um sistema que impera a sociedade a qual estão inseridas.

Inserida ainda nesse grupo temos a personagem marcante de Mam Zabêl que assim como os outros idosos, está na fila a espera de algo para comer e vestir:

Mam Zabêl encostara-se à parede e descansava um dos punhos em cima do pau grosso seguro com a outra mão. A seu lado, uma velhota como ela, tronco abaulado sob a cabeça a tremular, levava, continuamente, as costas da mão ao nariz e fungava.

[...] Mam Zambêl arrimou-se no pau e ficou a olhar para o vácuo da sua vida sem história. (AMARILIS, 1991, p. 54)

A personagem Mam Zabêl, que morava em uma cambota, e sofria muito frio, unifica este núcleo de mulheres idosas que aparecem no conto, e depositam suas esperança em torno das esmolas que viriam a receber.

A tragicidade do conto evidencia-se nessa personagem, pois seu desespero era tanto que a fim de proteger-se do frio diário esta acaba por se machucar na ânsia em conseguir o casaco de merca tão desejado:

Mam Zabêl sentiu um frémito ao vê-la. Quase correu. Furou onde podia, esquecendo-se do bordão, onde se amparava. Tropeçou, entretanto, e caiu de bruços, mesmo junto à casota. Um grito elevou-se da pequena multidão e duas mulheres ajudaram-na a sentar-se.

Um fiozinho de sangue na boca, conseguiu desvencilhar-se delas e, a rastejar, aproximou-se.

[...] Arranja-me um casaco de Merca, um casaco como esse de Joninha.

[...] Enrodilhada sobre si mesma, tinha batido com a cabeça contra o cimento. Parecia um novelo escuro e sujo atirado para ali. (AMARILIS, 1991, p. 56 – 59)

A cena que descreve Mam Zabêl a implorar por um casaco, ferida e em seguida desmaiada, mostra-nos a imagem de uma velhice desamparada, abandonada a margem de caridades doadas por terceiros. Tal cena descreve a imagem dos idosos caboverdianos, e em especial, da mulher que chega a velhice e é desamparada, entregue a sorte e busca de esmolas.

Estas mulheres idosas, ao vestirem-se com as roupas doadas, formam na cena figuras cômicas, a exemplo da análise feita pela personagem Bia Sena: “[...] Oiá, oiá, e esticava os braços em direção da porta, parece um desfile de carnaval” (AMARILIS, 1991, p.57).

As doações recebidas não condiziam ao tipo físico das personagens, estas que eram acostumadas a utilizarem no dia-a-dia roupas mais simples e que faziam jus a seu tipo físico, tal distribuição descompassada dava-se a justificativa de que estes, se recebessem roupas em um estado mais conveniente poderiam vir a se desfazer das roupas vendendo-as.

Em meio a recuperação de Mam Zabêl, também teve direito a sua parte na esmola tão esperada:

Com a biqueira do samatá Titina amontoou algumas peças, distraidamente. Deu-lhe vontade de rir ao ver sair da casota uma outra Mam Zabêl, inchada de roupas. Lembrou-lhe um fantoche de cores, um desgraçado palhaço de um circo sem nome. (AMARILIS, 1991, p. 60)

O trecho nos remete a visão de uma Mam Zabêl e suas roupas, que deu a esta a aparência de uma fantoche traz a tona as dificuldades impostas por uma sociedade, e que atingem as mulheres idosas da sociedade caboverdiana, que encontram-se excluídas, desamparadas e solitárias.

A velhice vem para estes indivíduos, dotadas de dor e fome, e se converte na falta de esperança e a certeza da morte que esta por vir é tida como a única estância dotada de descanso e alívio para todos os sofrimentos cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres descritas por Orlanda Amarilis, e aqui em especial aquelas retratadas em “Esmola de Merca”, são mulheres resignadas que muitas vezes mostra-se conformadas com o

seu destino, se tomarmos como exemplo as mulheres idosas retratadas no conto. Tais mulheres variam em termos de idade e até mesmo condição social, mas representam uma aceitação de vida semelhante dotada de lutas cotidianas como “mulheres sós”.

O estudo do conto de Orlanda Amarílis nos permitiu constatar que, as mulheres são as personagens principais de seus dramas em suas histórias. Assim como a singularidade deste cotidiano feminino em Cabo Verde que é resultado de marcas intensas adquiridas por aqueles que escolheram ficar nas ilhas, inseridas em situações precárias de saneamento básico, alimentação e vestimenta.

O estudo do cotidiano por meio das descrições das personagens, o ambiente a qual estas estão inseridas, bem como suas culturas, é capaz de possibilitar o delinear de traços fundamentais para que se comprove que os papéis representados pelos sujeitos em sociedade influenciam e até mesmo determinam seu futuro.

No que se refere à temática da velhice, percebemos que as personagens do referido conto estão inseridas em uma realidade miserável, que está encadeada a doença e fome, haja vista que além dos problemas advindos pela velhice tais personagens ainda estão sujeitas a precariedade social própria do arquipélago.

As personagens femininas idealizadas por Orlanda Amarílis são caracterizados por seres que agem, enfrentam as lutas e barreiras diárias, todos os percalços do dia a dia, mesmo que estas se mostram solitárias e infelizes, na maioria das vezes. Se caracterizam por personagens que fogem aos moldes que sujeitavam as mulheres a espaços fechados, mantendo-as “protegidas” das questões do mundo e podem ser vistas como agentes positivos, que esperam e buscam alguma mudança na situação de miséria a qual encontram-se inseridas.

Por fim, verificamos em muitos momentos de nossas análises, que as atitudes diante os dramas fazem com que as personagens se solidarizem em virtude do abandono, da solidão que integram suas vidas, “mulheres sós” que geram um paralelo entre a realidade de Cabo Verde e do mundo, sujeitas à opressão de classes sociais superiores e preconceitos.

REFERÊNCIAS

ABDALLA JÚNIOR, Benjamin. 1999. Orlanda Amarilis, literatura de migrante. *Dossiê Via Atlântica*, São Paulo, n. 2, jul, pp. 76-89. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_06.pdf> Acesso em: 05 de maio de 2012.

AMARÍLIS, Orlanda. Esmola de Merca. In: *Cais-do-Sodré té Salamansa*. 2. ed. Coleção Africana, 1991. p. 45 – 60.

AUGEL, Moema parente. As muitas faces da mulher na Guiné- Bissau. In: *gênero e representação nas literaturas de Portugal e África: ensaios*/ Constância Lima Duarte; Eduardo de Assis; Kátia da Costa Bezerra (orgs). Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários: UFMG, 2002. Col. Mulher & Literatura, v 3.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CABRAL, Amílcar. Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana. In: CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria: unidade e luta*. In: CABRAL, Amílcar. *Obras escolhidas*. Lisboa: Seara Nova, 1976. v. 1, p. 25-29.

CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias*, *Revista do Instituto de Estudos Avançado*. n.8. [IEB/USP]: São Paulo, 1970. p.67-89.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. 2007. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. *Cadernos CESPUC de Pesquisa*, Série Ensaios, n. 16: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, set, p. 1- 45.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

RODRIGUES, Camila. *Vozes solitárias e solidárias: As personagens femininas em contos de Orlanda Amarílis e Maria Judite de Carvalho*/ Camila Rodrigues -- Marília: UNIMAR, 2011. 143p. Dissertação.

SANTILLI, Maria Aparecida. As mulheres-sós de Orlanda Amarílis. In: SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985, p. 107-111.

SANTOS, Rita Maria. Da autoria feminina em sociedades de língua portuguesa. In: *gênero e representação nas literaturas de Portugal e África: ensaios*/ Constância Lima Duarte; Eduardo de Assis; Kátia da Costa Bezzera (orgs). Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários: UFMG, 2002. Col. Mulher & Literatura, v 3.



(Word Reader - Unregistered) www.word-reader.com

Anexos



Titina acordou e estava a gozar a sabura da cama. Virou-se para a parede. As maçanetas tremeram e Titina enroscou-se melhor sobre si mesma.

Branca, a camita de ferro, tanto à cabeceira como nos pés era rematada com um rendilhado — pareciam as lérias da titia —, tendo ao centro, também em ferro, um desgracioso ramo de folhas pendentes em leque, pintado a esmalte verde.

Nunca tivera leito próprio e já era menina-feita e nem à madrinha nem à tia se lhes ocorrera ser tempo de lhe arranjar uma cama. Dormira sempre com elas num colchão largo, com a cabeça para onde punham os pés. Fora sempre assim até um dia, depois de um carnaval de bailes e assaltos sem conta, quando regressara numa boca-da-noite, tomada de tremuras e dores de cabeça. Passou assim algumas noites, de cabeça virada para os pés das duas velhotas, cheia de febre e quebranto. De manhã, a madrinha ria-se para ele e dizia: «Ficaste dogada com o carnaval, hé Titina?!» Levantava as pálpebras e não respondia porque o formigueiro povoava-lhe a cabeça e toldava-lhe as ideias.

Numa dessas manhãs, a madrinha ergueu-se muito cedo para dar o passeio do costume até à igreja nova e antes de sair do quarto chalaceou para Titina. Não abriu os olhos ou se mexeu. Alarmada, a madrinha debruçou-se ansiosa sobre a sua cabeça onde os cabelos emaranhados se lhe colavam empapados pelo suor. Houve reboliço no sobrado. Lulu fora a correr chamar o doutor Agostinho e, na mesma manhã, resolveram comprar-lhe aquela cama de ferro porque a febre tifóide era demorada de curar.

Titina acomodou-se e puxou o lençol para cobrir a cabeça. As moscas nunca a deixavam dormir de manhã. Zumbiam-lhe nos ouvidos, pousavam-lhe nas faces, maçavam-na e estragavam-lhe o começo do dia. A origem de tal enxamear era o botequim de nha Luzia, cujas traseiras ficavam mesmo ali ao lado. Nesse quintal pocilgoso nha Luzia fritava olho-largo e pastéis de alvacora em



ESMOLA DE MERCA

Entre as coisas que se fazem, tanto a católica como a protestante, a esmola de mercaderias é a mais antiga e a mais útil. Ela é a base de toda a economia, e sem ela não se pode viver. Ela é a base de toda a civilização, e sem ela não se pode ser civilizado. Ela é a base de toda a moral, e sem ela não se pode ser moral. Ela é a base de toda a religião, e sem ela não se pode ser religioso. Ela é a base de toda a sociedade, e sem ela não se pode ser social. Ela é a base de toda a humanidade, e sem ela não se pode ser humano.

Entre as coisas que se fazem, tanto a católica como a protestante, a esmola de mercaderias é a mais antiga e a mais útil. Ela é a base de toda a economia, e sem ela não se pode viver. Ela é a base de toda a civilização, e sem ela não se pode ser civilizado. Ela é a base de toda a moral, e sem ela não se pode ser moral. Ela é a base de toda a religião, e sem ela não se pode ser religioso. Ela é a base de toda a sociedade, e sem ela não se pode ser social. Ela é a base de toda a humanidade, e sem ela não se pode ser humano.

Entre as coisas que se fazem, tanto a católica como a protestante, a esmola de mercaderias é a mais antiga e a mais útil. Ela é a base de toda a economia, e sem ela não se pode viver. Ela é a base de toda a civilização, e sem ela não se pode ser civilizado. Ela é a base de toda a moral, e sem ela não se pode ser moral. Ela é a base de toda a religião, e sem ela não se pode ser religioso. Ela é a base de toda a sociedade, e sem ela não se pode ser social. Ela é a base de toda a humanidade, e sem ela não se pode ser humano.

Entre as coisas que se fazem, tanto a católica como a protestante, a esmola de mercaderias é a mais antiga e a mais útil. Ela é a base de toda a economia, e sem ela não se pode viver. Ela é a base de toda a civilização, e sem ela não se pode ser civilizado. Ela é a base de toda a moral, e sem ela não se pode ser moral. Ela é a base de toda a religião, e sem ela não se pode ser religioso. Ela é a base de toda a sociedade, e sem ela não se pode ser social. Ela é a base de toda a humanidade, e sem ela não se pode ser humano.

Entre as coisas que se fazem, tanto a católica como a protestante, a esmola de mercaderias é a mais antiga e a mais útil. Ela é a base de toda a economia, e sem ela não se pode viver. Ela é a base de toda a civilização, e sem ela não se pode ser civilizado. Ela é a base de toda a moral, e sem ela não se pode ser moral. Ela é a base de toda a religião, e sem ela não se pode ser religioso. Ela é a base de toda a sociedade, e sem ela não se pode ser social. Ela é a base de toda a humanidade, e sem ela não se pode ser humano.



conversa. No Grémio, à hora da canasta, já tinham falado nisso. Mimi Costa na loja de Nhô Afonso até tinha afirmado: ia arranjar um fato de banho no meio daquela esmola de Merca. Nhô Afonso ficara a ver muito sério para ela, e de boca aberta, porque Mimi Costa não tinha precisão de esmola de Merca.

«Adé, como! Nossos patrícios mandaram esmola de Merca para o nosso povo. Não sabias?»

Alisou os cabelos com as duas mãos.

«Julinha disse são caixotes e caixotes de roupa», continuou entusiasmada. «Também mandaram farinha, banha. Vai ser um dia grande.»

A voz enchera-se-lhe de quentura e Titina espiava-a divertida. Tanto se lhe dava a esmola dos patrícios da América como não. Isto não vem remediar nada, pensou olhando para além da madrinha.

Esta continuava encostada à cama, os cotovelos apoiados ainda sobre o rebordo de ferro.

Nem chega a ser um remendo, pensou ainda. Os patrícios de Lisboa também mandam roupas usadas, calçado, pão seco. Senhores, até mandam pão seco para a nossa gente amolecer em água e enganar a fome.

«E onde é a distribuição?», acrescentou por desfastio.

«Julinha disse era na Administração. O administrador pediu-lhe para arranjar umas companheiras para a ajudarem e ela lembrou-se de ti.»

Passou de novo as mãos pelos cabelos, alisando-os, e continuou:

«Foi avisar a Bia Sena também. Pediu para ir com ela na Administração.» Titina ficou entusiasmada mas não o deu a perceber à madrinha. Aquele administrador era um bom ponto. Mon-drongo, tinha a mania de impor os bons costumes. De portas a dentro, porém, mantinha aventuras bastantes dúbias. Costumava detê-la quando voltava do liceu, para largas conversas no passeio. De uma vez ela escrevera um artigo sobre a emancipação da mulher para o jornal dos rapazes do liceu. Topou-a na esquina da Administração e avisou-a de dedo no ar:

«Já lhe cortei o artigo. Não me venha prá aqui com espartezas.»

Titina rira com gosto e chamara-lhe maluco.

Desde esse dia ficaram amigos, como se o facto, forte motivo para os afastar, os tivesse aproximado ainda mais um do outro.

Saltou da cama e abriu a clarabóia. O sol jorrou dentro do quarto. Retirou os lençóis, sacudiu-os e bateu o colchão. Minúscu-



fogareiros feitos de latas de petróleo, despejava a água da lavagem das louças e amontoava a um canto o lixo que os fregueses faziam no botequim. Bem, esse lixo costumava ficar esquecido por muitos e muitos dias, ganhando camadas, chegando a encarrapatar-se no chão térreo, como acontecia às cascas de manga, pegasasas como grude. Tinham sempre de chamar nha Tuda para as vir raspar com um arco de barril e as remover.

Nha Luzia era uma mulherona de cabelo inchado. Só se penteava com pente de pau de laranjeira para lhe acalmar as dores de cabeça de que sofria desde menina. Haveria de dizer isso mesmo no pátio da Administração, quando, também nesse dia, de mistura com as outras, fosse receber a sua parte de esmola vinda da América.

Sempre suja, passava os dias a chamar pelos filhos que lhe trocavam as voltas e em galhofa com os fregueses. Por vezes, até ao sobrado onde dormia a Titina chegava o seu riso tremido.

Titina ouvia o zumbido por cima do lençol puxado sobre a sua cabeça e, inconscientemente, irritava-se contra nha Luzia, contra o seu desmazelo e porcaria, contra aquelas moscas nojentas. Todos os dias estragavam-lhe o acordar da pela-manhã.

Um arrastar de sapatos pô-la alerta. Soava baço e aproximava-se do quarto. Aguardou até ouvir a voz descansada da madrinha:

«Titina, hé Titina.»

Mexeu-se na cama para se deixar ficar de novo.

Uma réstia de luz estirava-se da clarabóia de juntas mal unidas e poisava, num traço, sobre o bau forrado de pele de cabra da Boa-Vista.

«Eh Titina, estás acordada?»

Entrou, aproximou-se sempre a arrastar os pés e descansou os cotovelos no rebordo da cabeceira da cama. As maçanetas brilharam na penumbra do quarto.

«Titina, acorda.» Tocou-a duas vezes tacteando as formas delineadas sob o lençol. «Oiá, Julinha veio perguntar agorinha-assim se queres ajudá-la na distribuição de umas esmolas que mandaram de Merca.»

Titina esticou as pernas, pondo-se de costas, e descobriu a cara. Fitando a madrinha, sentou-se na cama, dobrou os joelhos e descaiu sobre eles o queixo. Indiferente, respondeu:

«Que esmola, Dinha?»

Esta arregalou os olhos espantados para a afilhada. Adé, Titina! Falado agora, não sabes de nada. Toda a gente no meio da cidade sabia. O vapor havia de chegar mais dia menos dia. No pelourinho, na Praça Nova, na igreja, nos passeios da noitinha, não havia outra



os apanham. Os gregos são maus e nunca ninguém soube o destino do marido de nha Quinha.» Descansou a fala por momentos. — «Se puderes arranjar alguma roupa pá nha Chica de nhô Antoninho, também era bom», completou, não fosse esquecer-se.

Titina começou a resmungar, enfiando o vestido com malcriação. «Eu não estou para vir com embrulhos debaixo do braço. Não sou criada de ninguém.»

«Estás a sair fora da linha, Titina», ralhou a madrinha com voz um bocadinho alterada. «Hei-de te acabar com essa trubação que trazes no corpo. Não se pode dizer-te nada que não venhas com esses modos de voluntária. Menina de não-sei-que-diga!»

A madrinha enervara-se deveras, mas a menina de não-sei-que-diga já não a ouvia. No corredor deu uma esticadeira no vestido e apertou o cinto.

Um pouco magrizona, escanzelada mesmo, apesar de tudo possuía certo sal e fazia atrair sobre si a atenção dos rapazes. Era o verdadeiro tipo de *fausse-maitre*, diziam-lhe ao verem-na em fato de banho na Baía das Gatas. Aliás não o ignorava, visto comerem-na sempre com os olhos quando por eles passava. Os colegas chamavam-lhe morena cor de bronze. Os dentes ligeiramente saídos piscavam o lábio inferior, desfeitando-a um pouco. Esse por menor não a preocupava porém. Possuía outros trunfos, consolava-se.

Ao chegar à Administração encontrou a Julinha no quintal a remexer nas roupas e a separá-las. Bia Sena sorriu para ela e abraçou-a pela cintura.

«Estás muito bonita, Titina. Quem é que te fez este vestido?» E afastara os braços para a ver melhor.

«Foi Nina Costureira.»

«Nina Costureira trabalha muito bem. Tem umas mãos!» Bia Sena sorria ainda para ela e seus olhos de boneca piscavam amiúde.

«Ei, vocês não estejam com conversas. Vamos ter muito que fazer», falou-lhes a Julinha abaixada sobre as roupas. Começara a escolher e a separar.

O povo fora-se juntando do lado de fora. Aguardava. Não fora preciso avisá-lo. Ainda o vapor não havia alcançado o ilhéu Raso e já ele sabia: a esmola dos patricios vinha pela baía dentro. Na sua maioria eram mulheres velhas, andrajosas, de olhos encovados e cabelo engasgado pelo pó e falta de pente, escondido debaixo do lenço vincado de tanto uso. Parte delas viera arrimada ao seu pau de laranjeira, desde a Ribeira Bota, a arrastar os pés descalços e gretados até ao meio da morada. Uma parte espalhara-se pelo pas-



los pontos, milhares deles voltaram no facho da luz vertida da clarabóia sobre o soalho vermelho de terra seno. Acabou de fazer a cama passando a mão várias vezes sobre o cobertor.

A poeira continuou a girar no retângulo de sol. A madrinha encaminhou-se para a porta. Parou entretanto e voltou-se para a Titina. Começara a lavar-se, debruçada sobre o lavatório.

«Se pudeses, arranja uma saia e mais qualquer coisa pá nha Quinha. Ela está muito precisada. Eles costumam mandar boas roupas de Merca. Tu podias arranjar uma coisinha boa para ela», disse num fôlego.

Titina esfregava os braços espalhando a espuma com atenção. As mãos na água, voltou-se para a madrinha, a cara e os braços ainda cheios de espuma perfumada de sabonete inglês.

«Se ela fosse lá, seria melhor. Sempre podia escolher mais à vontade.»

A madrinha olhou para ela com ar reproativo como se ela tivesse dito um despropósito. Deu alguns passos até ao meio do quarto.

«Ir para a fila?», censurou-a. «Meter-se no meio do povo?»

Tinha acabado de se sentar no baú onde guardava as colchas da casa. Colchas feitas de quadrados de *crochet* em ponto fechado e baixo, rematadas com inúmeras borlas, colchas de calbedoche, colchas de damasco em tons quentes, coberturas de mesa em veludo carmesim, debruadas nas ourelas com entrançados feitos, pacientemente, nas tardes mansas da cidade batida pelo vento.

«Nha Quinha nunca foi mulher de pedir de porta em porta. Ela foi dona da sua casa com tudo-em-quanto era preciso. Era criada, era roupas penduradas no guarda-fato, era coisas boas no guarda-comida, era tudo, tudo», admoestou-a a madrinha. «O marido embarcou e nunca ninguém soube dele.» A voz tornou-se-lhe melancólica. «Ele fugiu desta nossa terra madrastra num vapor grego. Era um vapor de carvão, um vapor de dois canudos, grande. Ainda não tinha passado o canal quando foram dar com ele escondido não sei onde. Assim que o encontraram, foram-no arrastando, arrastando. Havia mais dois moços. Tinham fugido com ele. Quando eles viram a maneira como os gregos estavam a maltratar o marido de nha Quinha ficaram afrontados. Desataram numa carreira, escada acima, escada abaixo, com aqueles gregos todos atrás deles, até encontrarem maneira de cair no mar. Bons nadadores, aqueles moços! Vieram dar na ponta de João Ribeiro, cansados mas contentes. Aquela encrenca a bordo não tinha sido para brincadeira. Miguel Santos até disse eles costumam metê-los na caldeira quando



Manelinho, no meio de um grupo, dançava a tonguinha. Manelinho era muito engraçado. Pequeninho, mas esperto, gente! Manelinho com nove anos dançava a tonguinha falava com os estrangeiros e mergulhava-se lá fora no mar para apanhar moedas.

A velhota virou-se para Mam Zabel e tocou-lhe o braço.

«Agó, tresanteontem uma senhora deu-me uma batata doce. Devia ser batata de Monte Verde. Foi aquela senhora que mora por detrás do Madeiral. Não sabe quem é? Ela tem uma horta no Monte Verde.»

Mam Zabel continuava encostada à parede.

Estava esperançada. Bia Sena havia-lhe prometido um casaco de Merca, quente, um casaco para a resguardar do frio da cambota. O frio passado dormia de noite enrolihada na sala preta que lhe tinha dado Nha Elvira de Nhô Jul Sousa. Oh tanto frio ela passou na cambota, Nhor Deus. As pedras eram duras e o vento do Laza-reto furava a pele e trespassava uma criatura de Deus. Os mocinhos de ponta-de-praia tinham mais sorte. Dormiam debaixo do coreto, na Praça Nova. Mas ela era gente velha, tinha compostura, não ia dormir debaixo do coreto, não senhora.

A cabeça tremia-lhe ensombrada nos pensamentos. A velha ao lado levou as costas da mão ao nariz e fungou, continuando a lenga-lenga:

«Quando eu era criada de Dr. Henrique, senhora mandava pôr mandioca na cachupa.»

Repousou a fala e prosseguiu:

«Eu fazia um refogado por volta das seis horas, na hora de sol cambiar e só depois, passado um bocado grande, eu metia-lhe mandioca dentro. Ficava sabe, sabe.»

A algazarra do povo começou a aumentar. Estavam impacientes nem sabiam porquê. Impacientes e contentes. Ia ser uma boa semana.

Da janela do primeiro andar, Senhor Amadeu da Fazenda e seu compadre Gouveia apreciavam, divertidos, o povinho. Nesse momento estendia a mão e falava para o compadre, apontando com o queixo a massa de gente acamada no passeio, na rua, como um tapete rugoso de cor neutra. Mam Zabel levantou a cabeça e, instintivamente, compôs o lenço puxando-o sobre a testa. Abriu a boca num esgar. Senhor Amadeu, sacudido de riso, debruçado ainda à janela, voltou a cara para o compadre. Este fitava-o, meio sério, meio risonho.

Breve Mam Zabel esqueceu o senhor Amadeu que julgou ter-se rido para ela e voltou-se para a companheira.



seio da Administração, outras sentadas no patim das portas laterais, outras aguardavam de cócoras nos passeios. Penderam o queixo sobre os joelhos unidos e abraçavam as próprias pernas, com a saia de pano esfiapado na bainha puxada de modo a cobrir os pés.

Mam Zabêl encostara-se à parede e descansava um dos punhos em cima do pau grosso seguro com a outra mão. A seu lado, uma velhota como ela, tronco abaulado sob a cabeça a tremular, levava, continuamente, as costas da mão ao nariz e fungava.

«Você está constipada, an comadre?», perguntou-lhe Mam Zabêl ao fim de algum tempo.

«Dias-há ando com pingo no nariz não sei porquê.»

«Aan.»

Mam Zabêl arrimou-se no pau e ficou a olhar para o vácuo da sua vida sem história. A velhota chegou-se para Mam Zabêl e falou como se fosse em prosseguimento de uma conversa interrompida.

— «Banha de Merca faz engrossar a cachupa. Cachupa fica sabe, sabe, com banha de Merca.»

Mam Zabêl, sem olhar, observou mais para si, a dar balanço às suas necessidades de momento:

«Estou precisada de um casaco de Merca. Lá na cambota tem muito frio. De um casaco de Merca é que eu estou precisada.»

Encostou-se à parede e, num regougo, repetia: «Na cambota tem muito frio.»

A outra não deu mostras de a ter ouvido, porque continuou: «Djódja disse esta banha de Merca tem mistura — encolheu os ombros e ganhou ardência na voz —, mas dá bom gosto na cachupa. Cachupa fica apurada de veras com esta banha de Merca.»

Coçava-se por debaixo do mandrião de pano preto, salpicado de flores miudinhas, brancas. Precisamente no cálice, apresentavam-se delidas, formando um rendilhado por todo o mandrião, como se fora de propósito. Continuou a coçar-se e a divagar.

«Cachupa também fica sabe se a gente lhe põe favona. Daquela favona da Praia. Incha muito e faz uma cachupa sabe, sabe.»

Os olhos brilhavam-lhe e a boca, rala de dentes, comprimia-se-lhe à procura do gosto daquela cachupa tão boa.

«Nó Senhor me perdoe, quase me esqueci do gosto da cachupa — disse baixinho e riu. Atemorizada porém fez o sinal da cruz.

— Dias-há no mundo eu não tenho comido cachupa. Nem cachupa nem nenhuma comida de caldeira. Só parentem, às vezes. Mas eu não tenho dentes, você sabe, e custa-me comer parentem.»

Ficou a ver a rua cheinha de gente pobre como ela. Muitos estavam calados, à espera. Mas também havia risos, conversas.



«Ojá, menina, eu conheci tua mãe ela ainda fazia chichi na cama. Tua Nhanha foi menina do meu tempo. Arranjá-me um casaco de Merca. Lá na cambota tem muito frio. De esmolai!»

Um chorinho manso não a deixou continuar. De cócoras, o queixo sobre os joelhos tapados com a saia, o choro de Mam Zabél, entrecortado de lamentos ininteligíveis, vazava em répia monocórdica.

A manhã ia avançada. Bia Sena suave e sentia os braços molhados de tanto vestir e despir os coitados da sua terra. Julinha ia-a ajudando. Com o pé afastava roupas porque não serviam ou tinham sido recusadas.

«Já não posso mais», balbuciou Bia Sena num sopro. «Mas quem teve essa lembrança? Cada um podia levar a sua roupa e vesti-la em casa».

«O Administrador disse para não as deixarmos sair sem a trocarem primeiro».

Bia Sena escarranchou as mãos na cintura e fez um gesto voluntarioso.

«Agora o Administrador é abusado deveras. Ele gosta da fita, an?» Julinha olhava-a, de ar parado, com um vestido pendurado no braço.

«Isso, afinal, é fazer pouco. Já reparaste, Julinha, já reparaste na figura desta gente dentro destas roupas para que não foi talhada? Ojá, ojá», e esticava os braços em direcção da porta, «parece um desfile de carnavaí.»

Julinha abaixou-se para apanhar uma fita e levantou os olhos para a Bia Sena.

«Sabes, ele disse é para evitar que elas vendam a roupa», obtemperou-lhe.

Já não ouviu a resposta da Bia Sena porque os seus olhos descobriram a figura do administrador, projectada, longa e desigual, nos degraus de cimento, pelo sol tórrido da manhã alta.

Observava, curioso, a cena que se desenrolava no quintal. Tomada de emoção inesperada, Julinha sentiu o bater acelerado do coração. A presença daquele mondrongo alto, forte, toldava-lhe a razão. Ele viu-a e seus olhares cruzaram-se. Desviando a cara, amornada, abaixou-se a juntar peças de roupa, dobrando-as maquinalmente. Presentia a vista dele sobre si, a fita-lá e as mãos tremiam-lhe sem explicação. Agarrou uma tampa de papelão caído a um canto e começou a abanar-se.

«Crede, Bia! Oh que calor.»

Abanava-se com frenesi. Perturbada. Via-se a ser olhada por aquele homem tão atraente, tão bonito. Ele gosta de mim. Sei isso dias-há. Vejo no seu grão-de-olho. Ele gosta de mim. Eu sei. Desde



«Você quem é, an comadre?»

Uma das portas abriu-se e Juliinha apareceu. A massa de gente começou a movimentar-se e a aproximar-se. Primeiro mansamente, a seguir com certa presteza, com manha, a ver quem ficaria à frente. As velhas empurravam com os paus a defenderem-se na sua fraqueza.

Julinha abriu os braços.

«Não é preciso empurrar», alteou a voz — «tem comida e roupa pá toda a gente.»

Nem a ouviram porque os primeiros entraram de roldão, impedidos pela ondã de trapos e fome que irrompera ululando. Mam Zabêl sentiu-se ir na leva e, meio sufocada, foi atirada para junto de uma caixa aberta, atafalhada de embrulhos.

Julinha protestava ainda:

«Adê, o que é isto?! Assim não, assim não!»

O burburinho abrandou somente quando o quintal se encheu e nem mais uma criatura de Deus podia lá entrar sem ficar lapadinha a outra.

Bia Sena foi encaminhando as mulheres para uma casota onde as despia. Era uma operação lenta, dolorosa para a vista, penosa para quem a fazia. Ao cabo, saíam transformadas nos fatos novos, envergando vestidos de seda, farfalhudos, em chiffon ondulante com alastrados estampados azuis, vermelhos. Algumas reapareciam com chapéus de praia, descaídos, capelines de crina, realçadas de flores e tule, feltros enterrados sobre as orelhas encardidas.

Nha Joninha fez uma aparição imponente. Acaçapada num belo casaco castanho que quase lhe cobria os tornozelos, com duas raposas a acariciarem-lhe o pescoço e as orelhas, trazia a balançar numa das mãos uma carteira de palhinha entrançada. Um rumor admirativo acolheu-a. Mam Zabêl sentiu um frémito ao vê-la. Quase correu. Furou onde podia, esquecendo-se do bordão, onde se amparava. Tropeçou, entretanto, e caiu de bruços, mesmo junto à casota. Um grito elevou-se da pequena multidão e duas mulheres ajudaram-na a sentar-se.

Um fiozinho de sangue na boca, conseguiu desvenenilhar-se delas e, a rastejar, aproximou-se. De joelhos, agarrou a saia de Bia Sena: «Arranja-me um casaco de Merca, um casaco como esse de Joninha.»

Bia acalmou-a:

«Tem esmola pá toda a gente.»



Quando voltou deu com a Mam Zabél a dormir no mesmo lugar, de boca aberta. Aproximou-se, curvou-se e bateu-lhe no ombro. Mam Zabél não deu sinal de si.

Bia Sena olhou para a Titina.

«É melhor não a acordar», disse.

Nesse instante um baque cavo fez-lhe dar um salto. Assustada reparou em Mam Zabél. Enroscada sobre si mesma, tinha batido com a cabeça contra o cimento. Parecia um novelo escuro e sujo atirado para ali. Bia Sena deu um gritinho e agarrou-se à Titina.

«Já, deu uma coisa à Mam Zabél.»

Bia Titina desprendeuse e aproximou-se. De pé, perscrutou por instantes. Rodou para a Bia, assustada.

«Traz água, depressa.»

Estendeu as mãos e deu com os olhos em Julinha. Vinha a descer as escadas. De semblante deslavado, desceu os últimos degraus e aproximou-se delas com ar comprometido. Por momentos Bia Sena e Titina esqueceram Mam Zabél. Olhavam pasmadas para Julinha. Esta parou junto do corpo caído da velhota e enfiou os dedos pelos cabelos à laia de pente.

«Fui fazer um chichi apertado», disse para elas à guisa de explicação.

«Em casa do administrador, Julinha?», perguntou-lhe Titina, incrédula. «Oh, que vergonha!», concluiu passados segundos. Virou a cara para o lado e comprimiu as faces com as mãos nervosas.

Bia Sena dava palmadinhas na cara de Mam Zabél.

«Temos de chamar gente.» E descaiu os braços ao longo do corpo. «Isso deve ser da fraqueza.»

Olhava no vazio sem tomar qualquer iniciativa.

Um cheiro empestado desfazia-se no ambiente. Dobrada sobre uma pilha de caixotes por abrir, a cabeça inclinada, os punhos fechados, Titina gemeu alto:

«Não posso mais. Vou vomitar.»

Julinha tinha-se encaminhado para a saída a dizer que ia chamar alguém para as ajudar.

Vergada pela cintura, Titina meditava no que acabava de acontecer. Sim senhora, Julinha saíra-lhe uma refinada desavergonhada. Desavergonhada, pois. Estivera metida com aquele nhambabo lá em cima. Aos beijos, com certeza. Pois claro. Ela não trazia nem sômbria de pó-de-arroz nem de bator.

Passou a mão pela fronte, continuando de cabeça baixa. Bia Sena, de braços cruzados, olhava, ora para ela ora para Mam Zabél,



aquele baile no liceu quando me apertou as mãos tanto, com uma força.

Saiu para fora da casinha, a abanar-se sempre. Deu alguns passos pelo quintal e parou junto à escada.

Titina retirava de um caixote embrulhos de banha e saquitos de farinha, depois ia-os dando às mulheres conforme se aproximavam. Estava carrancuda. Descobrira nha Luzia no meio daquela balbúrdia. O quê, nha Luzia também vem buscar esmola?, interrogava-se estupefacta. Nha Luzia tem negócio, tem botequim nas traseiras do meu quarto, vende aivacora frita e grogue e sucrinha e mancarra.

Aturdida, estendeu os embrulhos para nha Luzia, majestosa na saia rodada de cocktail, a sua parte de esmola de Merca. Recebeu-os de olhos baixos e sem-vergonha na cara.

Julinha ergueu a vista para o cimo das escadas. Ele já lá não estava.

Nha Luzia escapuliu-se, comprometida e descarada, através das pedintes de braços descarnados. Julinha olhou de novo para a Titina que ia entregando os embrulhos e, de mansinho, esgueirou-se para detrás de um caixote por abrir. De princípio, trêmula e, decidida por fim, subiu as escadas sem se voltar, só parando ao cimo, na varanda, junto à porta envidraçada da casa do administrador.

O quintal parecia um forno. O desfile das cores berrantes dos vestidos continuava. Recebiam os embrulhos, envolviam-nos na roupa velha e tomavam o rumo da saída. As exclamações de entusiasmo para os primeiros contemplados tinham esmorecido.

Aproximava-se o meio-dia, momento de o estômago começar a dar horas. Mam Zabêl, acorçada perto da casinha, parara de chorar e pegara no sono. O queixo descaído, a boca aberta, da garranta subia-lhe e descia um gorgolejo seguido. Bia Sena saiu para o quintal e avisou:

«Vocês agora vão e voltam logo. Logo continuamos com a esmola.»

As mulheres deixaram-se estar. Dois homens, talvez envergonhados pelo seu número reduzido entre aquele mulherio, rumaram a caminho da porta.

Virando-se para as mulheres, Bia Sena insistiu:

«Vão, vão.»

Vencendo a birra que ainda as mantinha no mesmo sítio, conseguiu demovê-las, impelindo umas com firmeza, outras convencendo-as com a conversa.



toda enovelada sobre o cimento. Longe de tudo, Titina levantou os olhos para a amiga e desfechou-lhe:

«Ouve, Bia, o administrador não é casado, não tem a mulher em Lisboa?»

«Deve ser. Ele usa aliança. Porquê?»

Titina não lhe respondeu e começou a ajeitar o vestido.

Bia Sena espreitou de lado para a velha. Tinha recuperado os sentidos e tentava levantar-se. A rapariga procurou ajudá-la, encaminhando-a para a casinha. As pernas ainda caranguejadas, a velhota parou e encostou-se à porta.

«É melhor você levar já a sua esmola, an Mam Zabél?» e Bia espraçou os olhos pelo exíguo espaço, a ver se descobria algo para esconder os farrapos da velha. Enquanto a vestia, riu-se para ela:

«Você teve um chilique, não se aguentou nas canelas. Que casta de mulher você é?»

A outra permaneceu muda, atenta às roupas. Bia Sena, generosamente, ia-a vestindo. Um vestido azul com muitos botõesinhos, duas blusas, uma sobre a outra; uma boina basca, luvas de motorista e umas polainas de senhora, em camurça, abotoadas desde o tornozelo até meio da perna.

No quintal viam-se roupas espalhadas, cintos, soutiens, fatos de banho, vestuário posto de lado porque ninguém o quisera.

Com a biqueira do samatá Titina amontoou algumas peças, distraidamente. Deu-lhe vontade de rir ao ver sair da casota uma outra Mam Zabél, inchada de roupas. Lembrou-lhe um fantoche de cores, um desgraçado palhaço de um circo sem nome. Resoluita, atravessou o quintal e abriu a porta. O vento morno atagou-a. Parada, espiou a rua deserta descendo direita até ao mar lá ao fundo, cortada, no entanto, pelo muro da companhia de carvão.

O sol a pino queimava. O mesmo cheiro pestilento de há bocado incomodou-a.

Transpôs o batente, puxando a porta de seguida.

Hoje não serei capaz de almoçar, pensou, enojada de tudo quanto lhe ficara para trás naquele quintal fedorento.

Caminhou pela rua fora, apressada, desejosa de alcançar o sobrado e estender-se na cama de ferro, comprada pela madrinha quando tivera a febre tifóide.